

LAZER LEISURE

Entrevista com Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira - USP/SP

Dr. Gustavo Luis Gutierrez
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Introdução

Paulo de Salles Oliveira é atualmente professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP. Fez mestrado em Sociologia na PUC-SP e tornou-se doutor e livre-docente em Psicologia Social pela USP.

Foi professor da UNESP, campus de Marília (1987-1993) e, posteriormente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP (1993-1996), onde atuou no Departamento de Estudos do Lazer.

Entre suas publicações mais recentes estão: **Cultura solidária em cooperativas**: Projetos Coletivos de Mudança de Vida. São Paulo: EDUSP: FAPESP, (2006); **Vidas compartilhadas**: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec: FAPESP, (1999), além da organização das coletâneas: **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, (2001) e **Metodologia das Ciências humanas**. 2a. ed. São Paulo, EDUNESP / Hucitec, (2001).

Editou também: **O que é brinquedo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, (1989); **Brinquedo e indústria cultural**. Petrópolis, Vozes, (1986); **Brinquedos tradicionais brasileiros**. São Paulo: SESC, (1983) e **Brinquedos artesanais e expressividade cultural**. São Paulo: SESC/Centro de Estudos do Lazer, (1982). Escreveu numerosos artigos sobre o lúdico em periódicos especializados.

1. O lazer, enquanto objeto de pesquisa, tem tido dificuldade para se constituir como um campo de estudo diferenciado, com um referencial metodológico específico que consiga atrair uma massa crítica de pensadores dedicados a discutir temas específicos da área. Você concorda? Qual sua visão para esta questão?

Acredito que falar em “campo do lazer” restringe, limita, fraciona. As possibilidades se ampliam com uma concepção mais abrangente, que pode ser dada pela compreensão de um universo lúdico, que se constitui numa dimensão importante da cultura e, como tal, da vida cotidiana de todos nós. Não enxergo o lazer como um campo específico e nem vejo razão para tanto. Ao contrário, a segmentação sempre é problemática e corre o risco de ser reducionista. Desvendar as entranhas do real é sempre uma tarefa incompleta; invariavelmente algo nos escapa. Não é diferente nas questões que envolvem lazer. Quanto mais ampla a possibilidade perceptiva, melhor. Ecléa Bosi há muito já notou que “se no trabalho e no lazer corre o mesmo sangue social, é de esperar que a alienação de um gere evasão e processos compensatórios em outro”.

2. As abordagens que diferentes áreas de pesquisa das ciências humanas, como sociologia, política, administração e psicologia, fazem do objeto lazer, não constituem um conjunto suficientemente abrangente para estudá-lo?

Concordo com você. Veja o exemplo de alguns clássicos: Friedmann e Lefebvre na Sociologia, Marx e Veblen na Economia, Benjamin, Adorno e Habermas na Filosofia, Thompson e Hoggart na Política, etc. Autores deste quilate são fontes preciosas para a construção de um referencial que leva em conta a importância da dimensão lúdica na vida dos homens em sociedade.

3. Eu entendo que a perspectiva do profissional de lazer está limitada, em termos principalmente de administração pública, por duas grandes áreas, mais antigas e mais fortes, que não se percebem enquanto integrantes de uma política de lazer. Estou falando da área de cultura e da área de esportes. Qual sua opinião a respeito? Cultura e esporte são lazeres?

Talvez não seja demais pensar que este ‘profissional do lazer’ deva estar dentro de cada um de nós, não importa a categoria profissional. Se há razoável concordância de que o universo lúdico é vital para a humanidade, essa presença deve ser - além de lembrada e teorizada, portanto pensada - posta em prática por todos. Não há necessidade de ser um professor de Educação Física para perceber a importância de se praticar algum esporte, algum exercício corporal. Incorporar como prática sistemática uma atividade física não só nos ajuda na saúde, mas nos permite descobrir uma outra forma de expressão. Os dançarinos mostram isso com muita propriedade.

4. Creio que a característica mais importante do lazer está, justamente, na busca de usufruir prazer, um prazer concreto e sensual, embora não necessariamente erótico. Tentei colocar, inclusive, esta idéia num livro. Como você vê o lúdico, e a busca do prazer, na sociedade contemporânea?

Sentir prazer naquilo que se faz é algo vital para o enraizamento das pessoas e para a descoberta de sentido, numa prática que ultrapasse os interesses imediatos. Um grande prazer pode estar nas coisas mais simples e cotidianas (Ernesto Sábato encontrou grande prazer em ficar ajoelhado brincando com os netos) e pode estar agradavelmente escondido também no momento em que conseguimos superar uma grande dificuldade. Por outro lado, é preciso cuidado com o consumo frenético do prazer, com a necessidade de gratificação instantânea. Não é possível querer transformar tudo em desfrute; a vida é bem mais densa e complexa.

5. Uma leitura simplista do iluminismo poderia dizer que a humanidade evolui através de um duplo movimento, onde coincidem o desenvolvimento tecnológico com o moral. Especulando um pouco, ou talvez muito, você acha que a realização de algumas das boas intenções do iluminismo depende do trabalho se transformar em algo prazeroso, e o lazer em algo produtivo?

Ninguém pode ser contra o desenvolvimento tecnológico. Entretanto, seria interessante lembrar, com Benjamin, que ele não é um bem em si mesmo. Às vezes, pode ser portador da barbárie. Cada aquisição precisaria ser pensada num contexto em que os

valores humanísticos não pudessem ficar arranhados. Pensemos, por exemplo, na filósofa francesa Simone Weil que largou a vida de professora para ser operária e conhecer na pele as faces da opressão. Simone, entre tantas outras coisas extraordinárias que fez, sentiu a agressão da britadeira sobre aquele que a opera. Assim, além da funcionalidade do invento, é preciso pensar nas pessoas, nas conseqüências e, hoje em dia mais que nunca, nas implicações ambientais. Uma conquista tecnológica ecologicamente correta e harmonizada ao humano, essa sim, é uma verdadeira conquista.

6. Quando das discussões sobre a crise do paradigma trabalho, nos anos noventa, um aspecto interessante era a afirmação de que as pessoas passavam a construir sua identidade muito mais em função de atividades que ocorrem no espaço da sociabilidade espontânea, o que inclui as atividades de lazer, do que em função das relações originais do mundo do trabalho. Você concorda? O que você destacaria na formação contemporânea da subjetividade?

Quem defendeu a idéia segundo a qual o trabalho não mais seria tão importante na constituição da identidade das pessoas, provavelmente, nunca sofreu a condição de desemprego ou mesmo sequer teve para com este imenso contingente a menor relação de empatia. Um trabalho digno e uma remuneração condizente são as bases de uma sociedade realmente democrática. Enquanto os índices de desemprego estiverem altos e a falta de alternativas profissionais ainda atingir um quadro tão sombrio, até mesmo para jovens com escolaridade superior, qual seria a possibilidade de graus favoráveis de auto-estima? Que imagem estas pessoas poderiam construir sobre si mesmas? A interiorização do estereótipo do fracasso não constrói cidadãos, mas almas errantes.

7. Paulo, há tantas questões sobre as quais gostaria de saber tua opinião que a entrevista corre o risco de não terminar nunca. Mas, como ela tem que terminar, pelo menos neste momento, uma última e provocativa pergunta: Vivemos, atualmente, um surto (eu gosto da expressão “surto”, embora também ache “epidemia” ilustrativa...) de religiosidade. Considerando o lazer como a busca do

prazer, a dimensão normativa e os tabus das religiões interferem nas alternativas de lazer das pessoas, introjetando comportamentos e valores. A religiosidade contemporânea, contudo, parece muito diversificada, indo desde a retomada de fundamentalismos históricos, até à teologia de prosperidade e pastores que escondem dólares no interior de uma bíblia, passando pelos repetidos escândalos sexuais de membros da Igreja Católica Romana. Como você vê a relação entre o lazer e a religiosidade hoje em dia?

O que eu modestamente poderia dizer é que a mensagem do Deus compromissado com os humildes, com as pessoas de boa-fé, com aqueles que não se esqueceram de dividir com o próximo o pouco que têm talvez continue sendo hoje o maior arrimo de esperança para um mundo melhor. A igreja, com todos os percalços, é ainda para os brasileiros a instituição em que mais se pode confiar. Oxalá possa ela entender esse voto de confiança e retribuir, começando pela retomada de vigor às pastorais sociais, levando alento, organização, solidariedade e cidadania. Só a pressão social organizada, sem-violência e perseverante poderá mudar os políticos, a política e os rumos do país. Isso se consegue com um trabalho coletivo, em que o lúdico deve estar sempre presente para fortalecer nos momentos de revezes e animar a todos, encorajando-os a resistir. Pacífica e solidariamente, mas resistir. Sempre.